

# HOMENAGEM A CAXIAS

## no 200º aniversário de seu nascimento



### UMA PEQUENA BIOGRAFIA\*

**L**uiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, nasceu a **25 de agosto de 1803**, na fazenda de Taquaru, próxima à vila de Porto de Estrela, onde hoje é o Parque Histórico Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro.

Seus ascendentes, todos militares e políticos, desempenharam funções de relevo na vida pública do País, fator, provavelmente, de grande influência na trajetória de sua carreira.

Seu avô paterno, José Joaquim de Lima e Silva, nascido em Portugal, transferiu-se para o Brasil em 1783, como capitão do regimento de Bragança, no Rio de Janeiro, al-

cançando o posto de marechal-de-campo. Do casamento de José Joaquim com Joana Maria da Fonseca Costa nasceram filhos que se destacaram na carreira militar, entre eles Francisco de Lima e Silva, pai de Caxias.

Casado com Maria Cândida de Oliveira Belo, Francisco de Lima e Silva comandou a expedição militar contra a Confederação do Equador (1824), assumiu a presidência de Pernambuco e exerceu o Comando de Armas, primeiro em São Paulo e depois na Corte. Foi, ainda, membro das duas regências trinas e eleito para uma cadeira vitalícia no Senado do Império, como representante da província do Rio de Janeiro.

\* N.A.: O texto é transcrição parcial de artigo da *Revista do Clube Naval* do 2º trimestre de 2003, pág. 17 a 19. A figura é um detalhe do quadro de Pedro Américo, a Batalha de Avaí, exposto no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

A carreira militar de Luiz Alves de Lima e Silva iniciou-se aos 5 anos de idade, quando foi titulado cadete de 1ª classe, no 1º Regimento de Infantaria de Linha do Rio de Janeiro, em cumprimento ao Aviso de **20 de novembro de 1808**, época em que a Família Real Portuguesa se transferiu para o Brasil.

Cursou, com distinção, a Academia Real Militar durante o período de 1818 a 1821, tendo dedicado especial atenção à engenharia militar.

Com a Proclamação da Independência do Brasil, D. Pedro organiza, pessoalmente, em **outubro de 1822**, no Campo de Sant'Ana, a Imperial Guarda de Honra e o Batalhão do Imperador, tropa de elite integrada pelos melhores homens, cabendo ao Tenente Luiz Alves de Lima e Silva receber, na Capela Imperial, das mãos do Imperador D. Pedro I, a bandeira do Império recém-criada.

**Em 1823**, o jovem tenente marchou para a província da Bahia, como ajudante do Batalhão do Imperador, para expelir as tropas portuguesas, comandadas pelo General Madeira de Mello, que se opunham à independência do Brasil. Em sua primeira experiência de combate, deu mostras de sua bravura ao lançar-se impetuosamente, com sua espada desembainhada, à testa de sua companhia, ao assalto de uma casa-forte guarnecida por caçadores portugueses. Tomados pelo exemplo daquele jovem oficial, seus comandados in-

vestiram com coragem e determinação, conquistando o objetivo. Sua conduta lhe valeu, como justa recompensa, o Hábito do Cruzeiro, conferido pelo Governo e considerado, na época, a mais alta distinção militar. Esta foi a condecoração de que mais se orgulhou Caxias em toda sua carreira.

Ao retornar ao Rio, Caxias é promovido ao posto de capitão, com apenas 20 anos de idade. Sua promoção precoce foi moti-

vo de comentários, mas logo se espalharia a fama de suas virtudes militares e dos exemplos de abnegação e bravura de que dera mostras em sua campanha na Bahia.

Enviado para Montevideú, em razão da revolta da Província Cisplatina, **em 1825**, deu outros exemplos de bravura. Em uma de suas ações audaciosas, liderando um grupo de militares, atravessou a cavalo as linhas inimigas e apoderou-se de um navio corsário guarnecido por cerca de 50 homens que zombavam, acintosamente, das armas imperiais.

Em outra surtida fulminante, saiu de Montevideú durante a noite e, numa ação rápida sobre uma linha de postos avançados inimigos, fez mais de 30 prisioneiros. Pela coragem demonstrada, o fato foi citado em Ordem do Dia.

Cessada a guerra naquela Província, em virtude do tratado de paz firmado com o governo argentino, retornou ao Rio de Janeiro, tendo sido promovido a major e assumido o comando do Batalhão do Im-

**Em sua primeira experiência de combate, deu mostras de sua bravura ao lançar-se impetuosamente, com sua espada desembainhada, à testa de sua companhia, ao assalto de uma casa-forte guarnecida por caçadores portugueses. Tomados pelo exemplo daquele jovem oficial, seus comandados investiram com coragem e determinação, conquistando o objetivo**

perador até a abdicação de D. Pedro I, em 1831.

Após a constituição da regência trina provisória, da qual seu pai fazia parte, passou a defender o novo governo, combatendo os diversos movimentos que irromperam no Brasil atuando de maneira decisiva na sufocação da Abridada, **em 1832**, ano de desenfreada anarquia no Rio de Janeiro.

Naquele período, em contraste com os diversos motins ocorridos e apesar do envolvimento da maioria dos oficiais com grupos políticos, Caxias era visto como um soldado que nunca se revoltava. Sua participação na Bahia e na Cisplatina e sua brilhante passagem pelo Batalhão do Imperador revelaram o seu equilíbrio e um rígido espírito de lealdade e disciplina.

**Em 6 de janeiro de 1833**, casou-se com D. Anna Luiza de Loreto Carneiro Vianna, com quem viveu 41 anos e teve um filho, herdeiro do nome do pai, e duas filhas: Luiza de Loreto Carneiro Vianna de Lima e Maria de Loreto Vianna de Lima.

Por ocasião da revolta dos Balaios, no Maranhão, **em 1839**, foi promovido a coronel e nomeado Presidente daquela província e comandante das Forças Imperiais, de modo que as providências civis e militares emanassem de uma única autoridade. Sua atuação destacada na derrota dos balaios, trazendo a pacificação das províncias do Maranhão e do Piauí, permitiu que lhe fosse conferido o título de Barão de Caxias, em 1841.

**Em 1842**, foi nomeado comandante das Armas da Corte e, no mesmo ano, eleito, por unanimidade, deputado-geral pela Província do Maranhão. No entanto, praticamente não exerceu o mandato em razão da dissolução da Câmara alguns dias após sua posse.

Porém, ao irromper a revolução liberal em São Paulo e em Minas Gerais, foi nomeado, pelo Imperador D. Pedro II, comandante-em-chefe das Forças em Operações naquelas províncias. Rapidamente, Caxias abafou completamente as revoltas e pacificou as províncias. Como reconhecimento aos relevantes serviços prestados, foi promovido ao posto de marechal-de-campo, quando não contava sequer 40 anos de idade.

Ao ser nomeado presidente da Província do Rio Grande do Sul, que se encontrava conflagrada desde 1835, cargo que desempenhou simultaneamente com o de comandante das Armas da Corte, reorganizou as Forças Imperiais e infligiu séria derrota aos rebeldes em Ponche Verde, **em 1843**.

Os esforços do general vitorioso foram coroados com a anistia geral dos rebeldes e a pacificação completa da província, permitindo-lhe ser indicado para figurar, em primeiro lugar, na lista tríplice na eleição para a vaga de Senador pelo Rio Grande do Sul. Escolhido pelo Imperador, em 1º de agosto de 1845, teve a oportunidade de exercer o mandato quando seu pai também era senador.

**Em 1851**, é nomeado comandante-em-chefe das Forças do Sul para atuar na campanha contra o ditador argentino Juan Manuel Rosas e seu aliado uruguaio Manoel Oribe. Fixando-se em Montevidéu, Caxias executou seu plano militar simultaneamente às ações diplomáticas desencadeadas pelo plenipotenciário brasileiro Honório Hermeto Carneiro Leão, depois Marquês do Paraná.\*

Após o final da campanha, é promovido a tenente-general e passa a ocupar importantes funções, como a de ministro e secretário

\* N.R.: Veja “Honório Hermeto Carneiro Leão, Marquês de Paraná – Minhas reminiscências”, na *RMB* do 3º trimestre de 2003, pág. 149.

do Estado dos Negócios da Guerra e presidente do Conselho de Ministros. Foi elevado a marquês **em 1862** e, no mesmo ano, atingiu o posto de marechal do Exército.

A difícil crise surgida em **1866**, durante a Guerra do Paraguai, após a derrota de Curupaiti, levou o Governo, chefiado por Zacarias de Góis e Vasconcelos, a apelar para o prestígio e a experiência de Caxias, nomeando-o comandante-em-chefe das Forças Brasileiras.

O afastamento do argentino Bartolomeu Mitre, comandante das forças aliadas pelo tratado da Tríplice Aliança, ampliou a ação de Caxias. A famosa manobra do Chaco, na qual foram empregadas, pela primeira vez em operações militares, as aeroestações – balões cativos de reconhecimento e observação das posições inimigas –, exigiu da parte do Exército brasileiro, especialmente da engenharia militar, esforços extraordinários e consagrou Caxias como estrategista.

A campanha final, conhecida como Dezembrada, com as vitórias fulminantes

de Avaí e Lomas Valentinas, tirou as últimas possibilidades de resistência de Francisco Solano López, mas esgotou fisicamente Caxias. O general brasileiro, já com 65 anos de idade, entrou vitoriosamente em Assunção a **5 de janeiro de 1869**, mas a saúde se abalara.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, em **23 de março de 1869**, recebeu o título de duque, fato inédito, pois foi o único concedido a um brasileiro.

Caxias ainda retornou à política, sendo nomeado conselheiro do Estado em 20 de outubro de 1870. Assumiu, mais uma vez, a chefia do governo, como presidente do Conselho e ministro da Guerra, cabendo-lhe a tarefa de encerrar a Questão Religiosa, com a concessão da anistia aos bispos.

Cansado e com a saúde debilitada, retirou-se para a sua fazenda em Santa Mônica, em Desengano, hoje Juparanã – RJ, onde faleceu em 7 de maio de 1880.

Sua última vontade foi satisfeita: “seis praças de bom comportamento, para colocar-me no fundo da sepultura”.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<NOMES> / Caxias, Duque de /; Lima e Silva, Luiz Alves de;

**Ninguém ama sua pátria  
por que ela é grande, mas  
porque ela é sua.**

*Seneca*

(Do jornal *O farol*, de 7/2003)